

# AS GUERRAS E O CAPITALISMO<sup>1</sup>

PIOTR KROPOTKIN

## I – A competição industrial

Em 1883, quando a Inglaterra, Alemanha, Áustria e Romênia, aproveitando-se do isolamento da França, uniram-se contra a Rússia, e uma terrível guerra europeia emergia, nós apontamos no *Revolte* quais eram os reais motivos das rivalidades entre os Estados, bem como as guerras daí resultantes.

A razão para a guerra moderna é sempre a competição por mercados e o direito a explorar as nações atrasadas industrialmente. Na Europa há muito tempo não se luta pela honra dos reis. Os exércitos são colocados uns contra os outros para que os rendimentos dos Senhores Todo-Poderosos Rotschild, dos Schneider, das mais respeitáveis companhias Anzin ou do Santo Banco de Roma permaneçam inalterados. Há muito tempo os reis não são levados em consideração.

Na verdade, todas as guerras europeias dos últimos 150 anos ocorreram por vantagens industriais e por direitos de exploração. Quase no fim do século XVIII as grandes indústrias e o comércio externo da França, apoiados por suas marinhas e colônias na América (Canadá) e na Ásia (Índia), começaram a se desenvolver. Em consequência disso, a Inglaterra, que já tinha esmagado seus competidores na Espanha e na Holanda - ansiosa por manter-se absoluta no monopólio do comércio marítimo, no controle dos mares e de um império colonial -, aproveitou-se da Revolução Francesa para começar uma série de guerras contra a França.

A partir desse momento a Inglaterra percebia quantos recursos um comércio externo monopolizado traria para a sua crescente indústria. Encontrando-se rica o suficiente para financiar os exércitos da Prússia,

---

<sup>1</sup> Esse texto foi originalmente publicado na Revista Freedom Pamphlet, London, 1914, com o título: *Wars and Capitalism*. Disponível no site <http://quod.lib.umich.edu/l/labadie/2917714.0001.001?view=toc>. Tradução de Amir El Hakim de Paula, UNESP. Contato: [elhakim@usp.br](mailto:elhakim@usp.br).

Áustria e Rússia, ela, durante um quarto de século, patrocinou uma sucessão de terríveis e desastrosas guerras contra a França. Aquele país foi obrigado a gastar fortunas a fim de resistir a essas guerras, e, somente a esse preço, ela habilitou-se a defender seus direitos de permanecer sendo uma “Grande Potência”. Isso significa manter sua recusa em submeter-se a todas as condições que o monopólio inglês se esforçava em impor como forma de tirar vantagens de seu próprio comércio. A França sustentou seu direito a ter bases navais militares. Frustrada em seus planos de expansão na América do Norte, onde perderia o Canadá, e na Índia, onde ela tinha sido obrigada a abandonar suas colônias, a França recebeu em contrapartida a permissão de criar um império colonial na África com a condição de que não tocasse no Egito, sendo permitido o enriquecimento de seus monopolistas através das pilhagens aos árabes na Argélia.

Mais tarde, na segunda metade do século XIX, foi a vez da Alemanha. Como consequência das revoltas de 1848 a servidão e as propriedades comunais foram abolidas, obrigando jovens camponeses a migrarem do campo às cidades onde, se ofereceriam aos capitães da indústria em troca de salários de fome, como "desempregados" - indústria essa que florescia em larga escala em muitos estados alemães. Industriais alemães logo entenderam que se às classes trabalhadoras fosse dado uma boa educação técnica rapidamente superariam grandes países industriais como a França e a Inglaterra – sob a condição, seja bem entendido, de propiciar à Alemanha vantajosas vendas no mercado internacional. Eles conheciam o que Proudhon tinha tão bem demonstrado: que um comerciante pode somente ter um substancial enriquecimento se uma grande parte de seu produto for exportado para outros países, nos quais pode ser vendido a um preço não obtido no país em que foi manufaturado.

Desde aquele tempo, em todas as camadas sociais da Alemanha - sejam as exploradas ou as exploradoras – havia um apaixonado desejo de unificar a Alemanha a qualquer custo: construir um poderoso império capaz de apoiar um imenso exército e uma forte marinha, habilitando-a conquistar portos no Mar do Norte e no Adriático, e em alguns portos da África e no Oriente – um Império que ditaria a lei econômica na Europa.

Para esse plano ter sucesso, era mais do que necessário quebrar a força da França, que resistiria e, ao menos teria ou pareceria ter, o poder de prevenir sua execução.

Dessas circunstâncias resultou a terrível guerra de 1870, com toda as tristes consequências que nós sofremos até hoje no que tange ao progresso universal.

Por causa dessa vitória sobre a França, o Império Alemão – o sonho de radicais, socialistas estatais, e, parcialmente, conservadores alemães, desde 1848 – foi finalmente constituído. E esse Império fez seu poder político ser reconhecido, assim como o direito de impor a lei na Europa.

A Alemanha, ao entrar num admirável período de atividade juvenil, rapidamente teve sucesso em dobrar e triplicar sua produtividade industrial e logo esse crescimento chegou a dez vezes; agora a burguesia alemã cobiça novas fontes de enriquecimento nas planícies da Polônia, nas pradarias da Hungria, nos planaltos da África e, especialmente, nos ricos vales da Ásia Menor, ao redor da estrada de ferro para Bagdá, que poderá fornecer aos capitalistas alemães um dos mais belos céus do mundo. Isso poderá ocorrer ao Egito também algum dia.

Portanto, são os portos para exportação e especialmente os portos militares no Adriático Mediterrâneo e no Adriático do Oceano Índico - o golfo Pérsico -, assim como na costa africana do Beira e também no Pacífico, que esses planejadores do comércio colonial alemão desejam conquistar. Seu fiel servo, o Império Alemão - com seus exércitos e seus blindados -, está a serviço desse propósito. Mas a cada passo dado esses novos conquistadores encontraram um formidável rival – a Inglaterra, barrando o caminho.

Ciosa de manter a sua supremacia no mar, ciosa acima de tudo de manter as suas colônias à exploração de seu propósito monopolista; assustada pelo sucesso da política colonial alemã e do rápido desenvolvimento da maneira germânica, a Inglaterra está redobrando seus esforços a fim de ter uma frota capaz de esmagar infalivelmente sua rival alemã. A Inglaterra procura por aliados em todos os lugares para enfraquecer o poderio militar alemão sobre a Terra. E quando a imprensa inglesa semeia alarmes e temores, fingindo temer uma invasão alemã, ela sabe muito bem que o perigo não ronda seu espaço. O que a Inglaterra precisa é ter o direito de deslocar seu exército regular para onde a Alemanha, em acordo com a Turquia, pode atacar uma colônia do Império Britânico (o Egito, por exemplo). E para esse propósito, ela deve manter em casa um forte exército territorial armado pronto para afogar em sangue, se necessário, qualquer rebelião da classe operária. Por essa razão as artes militares, principalmente, são ensinadas aos jovens burgueses - agrupados em pelotões de “escoteiros”.

A atual burguesia inglesa quer agir em relação à Alemanha como ela duas vezes agiu em relação à Rússia, com a intenção de bloquear, por 15 anos ou mais, o desenvolvimento do poder marítimo daquele país – uma

vez em 1885, com a ajuda da Turquia, França e Piemonte; e, novamente, em 1904, quando ela empurrou o Japão contra a Rússia e contra o porto militar russo no Pacífico.

Isso é porque nos últimos dois anos nós estamos vivendo em alerta, esperando que uma colossal guerra europeia surja de um dia para o outro.

Além disso, não devemos esquecer que a onda industrial, movimentando-se do Oeste ao Leste, também invadiu a Itália, Áustria e Rússia. Esses estados estão reivindicando seu “direito” – o direito de seus monopólios pilharem a África e a Ásia.

Bandidos russos na Pérsia, saqueadores italianos nos desertos ao redor de Trípoli e bandidos franceses no Marrocos são as conseqüências.

O *concert* de bandidos, agindo a serviço dos monopólios que governam a Europa, permitiu que a França tomasse o Marrocos, como permitiu a Inglaterra ocupar o Egito e a Itália agarrar uma parte do Império Otomano, a fim de evitar o alcance da Alemanha. Também admitiu que a Rússia se apoderasse do nordeste da Pérsia, para que a Inglaterra pudesse assegurar uma substancial faixa de terra nas fronteiras do golfo Pérsico antes que a ferrovia alemã pudesse alcançá-la.

E por isso, italianos massacraram inofensivos árabes; franceses massacraram mouros; e os assassinos de aluguel do Czar enforcaram os patriotas persas, que esforçavam-se em regenerar seu país com um pouco de liberdade política.

Zola tinha boa razão ao dizer: “Que respeitáveis canalhas essas pessoas são!”

## **II- As grandes casas financeiras**

Em todos os Estados – nós vimos em nosso artigo anterior – assim que a grande indústria e o enorme comércio se preocuparam em desenvolver seu povo, tornou-se inevitável o envolvimento em guerras. Eles foram dirigidos pelos seus industriais e mesmo pela classe operária a fim de conquistar novos mercados, isto é, novas fontes de riquezas facilmente obtidas. Mais ainda, em cada Estado existe nos dias de hoje uma classe – uma ‘panelinha’, quero dizer – infinitamente mais poderosa do que a classe fabril, e que também promove a guerra. Ela é composta de grandes financistas e ricos banqueiros, que intervêm nas relações internacionais e fomentam guerras.

Isso ocorre nos dias de hoje de uma forma muito simples.

Até o fim da Idade Média a maioria das grandes cidades republicanas da Itália convivia com enormes dívidas. Quando o período de queda dessas cidades começou, devido ao seu continuado esforço para conquistar os mercados do rico Oriente, a conquista de tais mercados causou guerras infundáveis entre essas cidades republicanas e elas começaram a contrair imensas dívidas para a sua rica Guilda de Mercadores. Um fenômeno parecido é visto agora nos modernos Estados, quando os cartéis de banqueiros estão desejosos em emprestar tendo como hipoteca a renda futura de seus emprestadores.

Claro, são principalmente os pequenos Estados que estão sendo espoliados. Banqueiros emprestam a eles dinheiro a 7, 8 e 10 por cento, e como uma regra, os empréstimos são “devolvidos” em tais casos não mais do que 80 por cento da soma tomada. Então, depois de deduzir as comissões aos bancos e aos intermediários, o Estado muito frequentemente não recebe mais do que 3/4 do amontoado descrito no livro caixa.

Sobre essas somas inchadas ou “diluídas”, o Estado que contraiu dívida deve no futuro fornecer um fundo de interesse e de juros. E quando ele não fizer isso no prazo indicado, os banqueiros ficam muito dispostos em adicionar aos fundos de interesse e de juros a parte principal da dívida. Quanto pior as finanças do Estado ficarem, mais incontinentes ficam os gastos de seus governantes, e novos empréstimos ficam disponíveis a ele. Com relação aos banqueiros, depois de estruturarem-se como um “concerto”, combinam colocar as mãos sobre certas taxas, certas dívidas e linhas de estradas de ferro.

Dessa forma, as financeiras arruinaram o Egito e, em consequência, ele foi praticamente anexado à Inglaterra. Quanto mais tola a quantidade de gastos dos Khedive, mais ela era encorajada. Era uma anexação em pequenas doses<sup>2</sup>. Da mesma forma a Turquia foi arruinada, a fim de se tomar pouco a pouco suas províncias. Também o mesmo meio foi empregado à Grécia, quando um grupo de financistas incentivou-a a guerrear contra a Turquia para tomar parte de seus rendimentos. E, igualmente, o Japão foi explorado pelas grandes casas financeiras da Inglaterra e dos Estados Unidos antes e durante suas guerras contra a China e a Rússia.

---

<sup>2</sup> Na época da guerra do Egito, em 1802, H.M. Hyndman publicou na *Nineteenth Century* um excelente artigo dizendo, na íntegra, sobre esses pequenos roubos.

A China há vários anos vem sendo dividida por um cartel representante dos grandes bancos da Inglaterra, França, Alemanha e dos Estados Unidos. E, desde a Revolução na China, Rússia e Japão exigem participação nesse cartel. Eles querem lucrar com a intenção de estender não só suas esferas de exploração, mas também seus territórios. A divisão da China, preparada pelos banqueiros, está nesse momento na ordem do dia.

Resumindo, existe nos Estados emprestadores uma completa organização na qual governantes, banqueiros, companhias patrocinadoras, preparadores de negociatas e outros intrusos, que Zola tão bem descreveu em “L’Argent”, se dão as mãos para explorar todos os Estados. Deste modo, quando o povo simples acredita que eles descobriram profundas razões políticas, somente há conspirações planejadas pelos corsários das finanças que fomentam tudo: rivalidade econômica e política, inimizades nacionais, tradições diplomáticas e conflitos religiosos.

Em todas as guerras do último quartel do século nós podemos perceber o trabalho das grandes casas financeiras. A conquista do Egito e do Transvaal, a anexação de Trípoli, a ocupação do Marrocos, a divisão da Pérsia, os massacres na Manchúria, os massacres e saques internacionais na China durante as revoltas Boers, as guerras do Japão – e em todos os lugares -, nós encontramos grandes bancos patrocinando. Em todos os lugares os financistas tiveram os votos de apoio. E se até agora uma grande guerra europeia não estourou, isso deve-se a hesitação dos grandes financistas. Eles não sabem muito de qual lado os milhões envolvidos se multiplicarão; eles não sabem qual cavalo volta com seus milhões.

Em relação às centenas de milhares de vidas humanas que a guerra custaria, o que os financistas têm a ver com isso? A mente de um financista trabalha com colunas de números que se equilibram. As consequências não atingiam suas províncias; ele nem mesmo consegue medir essas consequências, nem mesmo tem a necessária imaginação para colocar as vidas humanas nesses números.

Que mundo abominável seria revelado se alguém se preocupasse em estudar as finanças do que ocorre nos bastidores! Nós podemos imaginar isso somente com um pequeníssimo canto do véu levantado por “Lysis”, nos seus artigos em *La Revue*, que apareceu em 1908 num volume intitulado “Contre l’ Oligarchie Financière em France” (“Contra a Oligarquia Financeira Francesa”).

Deste trabalho nós podemos, na verdade, ver como quatro ou cinco grandes bancos franceses – Crédit Lyonnais, the Societé Générale, the

Comptoir National d'Escompte e o Crédit Industriel et Commercial – passaram a possuir o completo monopólio das grandes operações financeiras no mercado francês.

A maior parte, cerca de 4/5 da poupança francesa - um amontoado anual de aproximadamente 80.000.000 de libras - foi despejada nesses bancos; e quando Estados estrangeiros - sejam pequenos ou grandes -, companhias ferroviárias, cidades ou companhias industriais dos cinco continentes do globo apresentam-se em Paris para fazer um empréstimo, eles se voltam para essas quatro ou cinco grandes companhias bancárias que têm virtualmente o monopólio dos empréstimos estrangeiros e, à sua disposição, a necessária maquinaria para ampliá-las.

Desnecessário dizer que não foram as habilidades dos diretores dessas companhias que criaram sua posição lucrativa. Foi o *Estado*, o governo francês, em primeiro lugar, que protegeu e favoreceu esses bancos e alçou-os em uma privilegiada posição, transformando-as rapidamente em um monopólio colossal. Em consequência, os outros Estados – os Estados devedores - fortaleceram esse monopólio. Deste modo, o Crédit Lyonnais deve sua privilegiada posição aos agentes financeiros do governo russo e ao ministro das finanças do Czar.

O montante de negócios transacionado anualmente por essas quatro ou cinco sociedades financeiras representam centenas de milhões de pounds. Deste modo, em dois anos, 1906 e 1907, elas distribuíram em empréstimos 300.000.000 de libras, das quais 220.000.000 foram para empréstimos externos. E como nós sabemos, as “comissões” dessas companhias para organizarem um empréstimo externo é usualmente de 5 por cento para o “cartel dos intermediários” (*apporteurs*, instrumentalidade através da qual o novo empréstimo é trazido à tona); 5 por cento para o “cartel da seguradora”; e de 7 a 10 por cento para o cartel ou truste de quatro ou cinco bancos que nós recentemente comentamos, nós vemos que imensa soma vai para esses monopólios.

Desta forma, um único “intermediário” que “facilitou” o empréstimo de 50.000.000 de libras, contratado pelo governo russo em 1906 para esmagar a Revolução, na verdade recebeu – então “Lysis” nos diz em seu recentemente comentado livro – uma comissão de 12.000.000 de francos (480.000 libras).

Podemos, portanto, entender a influência oculta sobre as políticas internacionais exercidas pelos diretores dessas sociedades financeiras, com seus misteriosos livros contábeis e por meio dos plenos poderes que certos

diretores obtiveram de seus acionistas – já que eles devem ser discretos quando cerca de quinhentos mil a um milhão de pounds foram pagos ao Monsieur fulano de tal, 10.000 libras a um certo Ministro e muito milhões, além dos pedidos da *Légion d'Honneur*, para a Imprensa! Não há, diz “Lysis” um único grande jornal na França que não foi pago pelos bancos. Isso é claro. Alguém pode facilmente imaginar quanto dinheiro foi distribuído desta forma entre a Imprensa durante os anos de 1906 e 1907, quando uma série de empréstimos estatais russos, empréstimos para estradas de ferro e para muitos bancos estatais estavam sendo preparados. Quantos “jornalistas profissionais” engordaram os empréstimos – nós vimos isso no livro de “Lysis”. Que sorte inesperada! O governo de um grande Estado sob controle! Uma revolução a ser esmagada! Tal sorte não é encontrada toda dia!

Sem dúvida todo mundo está mais ou menos consciente disso, e não há um único político em Paris ou em qualquer lugar do mundo, que não conhece o trabalho de toda essa empreitada e que não ouviu mencionar os nomes de mulheres e homens que receberam largas somas depois de cada empréstimo, grande ou pequeno. Russo ou brasileiro. E alguém que tenha o mais simplório conhecimento em negociar sabe em que grau essa organização de grandes casas financeiras é um produto do Estado, *um atributo essencial do Estado*.

E seria um Estado de tal magnitude – com os poderes e as prerrogativas de que nossos políticos são tão cuidadosos em não diminuir –, que a maioria dos reformadores sociais esperam que ele seja o instrumento para a emancipação das massas! Que absurdo!

Ser estúpido, ignorante ou impostor é igualmente imperdoável nas pessoas que se acreditam chamadas para dirigir o destino das nações.

### **III- A guerra e a indústria**

Nós vimos no capítulo anterior que as rivalidades industriais e o desejo de adquirir novos mercados para exportação de produtos nacionais são as principais causas das guerras nos tempos atuais. Vamos agora ver como na moderna indústria os Estados criam uma classe de homens interessados em transformar as nações em exércitos ávidos para entrarem em conflito.

Há agora, como nós sabemos, grandes indústrias oferecendo trabalho para milhões de homens com um único propósito: produzir armas

de guerra. Essa é, portanto, a grande vantagem desses fabricantes e daqueles que emprestam a eles o necessário capital para preparar a guerra e espalhar o medo de que a guerra, como nunca, está à beira de irromper.

Não precisamos nos preocupar com a pequena trupe – com os fabricantes de armas de fogo sem valor, espadas vistosas e revólveres que sempre falham o tiro, tais como são encontrados em Birmingham, Liege, etc. Estes não são de muita consideração, embora o comércio dessas armas de fogo, conduzidas por exportadores que especulam nas guerras “coloniais”, tenha alcançado certa importância. Nós sabemos, por exemplo, que os mercadores ingleses forneceram armas de fogo aos Matabele quando eles estavam na iminência de insurgir contra os ingleses, que os forçavam à servidão. Mais tarde houve fabricantes franceses, até bem conhecidos dos fabricantes ingleses, que fizeram fortunas fornecendo armas, canhões e munição aos Boers. E mesmo agora nós ouvimos sobre a quantidade de armas de fogo importadas pelos mercadores ingleses na Arábia, que algum dia causarão rebeliões entre as tribos árabes, propiciando a pilhagem de uns poucos mercadores ingleses e, conseqüentemente, a intervenção britânica para restabelecer a ordem, seguindo logo após, mais cedo ou mais tarde, à “anexação”.

Contudo, tais fatos não precisam ser multiplicados. O patriotismo burguês já é bem conhecido e cada vez mais casos estão sendo testemunhados. Deste modo, durante a guerra entre a Rússia e o Japão, o ouro inglês foi fornecido aos japoneses (com um alto grau de interesse) a fim de que eles pudessem destruir a nascente força marítima russa no Pacífico, que incomodava a Inglaterra. Mas, ao mesmo tempo, as mineradoras inglesas vendiam 300.000 toneladas de carvão à Rússia, num valor maior que o normal, habilitando-a a enviar a frota de Rojdestvensky [general russo] ao Oriente. Dois pássaros mortos numa única pedrada: os proprietários das mineradoras de Welsh fizeram um bom negócio com isso; os acionistas e os diretores das mineradoras de Welsh, tomando da nobreza, do clero, da Câmara dos Comuns – toda empresa respeitável tem representantes dessas três classes no corpo de diretores – aumentaram suas fortunas; e, por outro lado, os financistas da Street Lombard colocaram dinheiro em 9 ou 10 por cento nos empréstimos japoneses e hipotecaram uma parte importante do lucro de seus “queridos aliados”, como um seguro de seus débitos.

Esses são alguns fatos entre milhares de outros de mesmo tipo. Na verdade nós deveríamos estar a par das coisas bem feitas pelas classes

dominantes se a burguesia não soubesse como manter seus segredos! Vamos, então, passar para a próxima categoria de fatos.

Nós sabemos que todos os grandes Estados favoreceram, além de seus próprios arsenais, o estabelecimento de enormes fábricas privadas, nas quais armas, blindagem para encouraçados de menor tamanho, pólvora, cartuchos, granadas, etc, são fabricados. Enormes somas são gastas por todos os Estados na construção dessas fábricas auxiliares, onde os mais habilidosos operários e engenheiros são reunidos para fabricarem máquinas de destruição em grande escala, no caso de uma guerra.

Agora é perfeitamente evidente que a vantagem direta daqueles capitalistas que investiram seu capital em tais negócios está na postura de manter os rumores de uma guerra, a fim de persuadir-nos, até espalhando pânico, que os armamentos são necessários. Na verdade, eles vivem fazendo isso.

Se a chance de uma guerra europeia desacelerou, se as classes dominantes – embora estejam interessadas, assim como os acionistas, nas grande fábricas desse ramo (Anzin, Krupp, Armstrong, etc.) e em grandes empresas ferroviárias, de minas de carvão, etc. – pressionam para soar a trombeta da guerra, eles são impelidos a fazer isso pela opinião construída pelos jornais e até mesmo pelas preparações feitas pelas insurreições.<sup>3</sup>

Na verdade, não é aquela prostituta, a Imprensa, que prepara os homens para novas guerras? Não é ela que acelera as guerras que provavelmente ocorrerão? E desta forma, não forçará os governos a dobrar, triplicar seus armamentos? Por exemplo, não vimos na Inglaterra, durante os dez anos anteriores a guerra dos Boers, a grande imprensa e especialmente os artigos ilustrados, artisticamente preparando as mentes dos homens para a necessidade de uma guerra, a fim de “despertar o patriotismo”? Para esse fim nenhuma pedra foi deixada em pé. Com muito barulho eles publicaram novelas sobre a próxima guerra, nas quais diziam como os ingleses, batidos no início, após um enorme esforço acabaram por destruir a frota alemã e estabelecerem-se em Roterdan. Um nobre inglês gastou largas somas de dinheiro para que uma peça patriota pudesse ser

---

<sup>3</sup> Essas linhas foram escritas e publicadas no *Temps Nouveaux*, no verão de 1912. As impactantes revelações de Liebknecht com relação às formas pelas quais os rumores de uma guerra próxima estavam sendo espalhados na Imprensa pelos proprietários de fábricas de armamentos, e que fomentam o ódio nacional a fim de aumentar os pedidos dos materiais de guerra, vêm ilustrar, em grande escala, essa feição dominante da indústria atual.

encenada em toda a Inglaterra. A peça era muito estúpida para ser cobrada, mesmo em teatros de segunda, mas sua produção foi encenada para os tomadores de dinheiro e aos políticos, intrigados com Rhodes, na África, a fim de que pudessem tomar as minas de ouro do Transvaal e obrigar os nativos a trabalhar nelas.

Esquecendo o passado, esses estilosos patriotas revivem o culto de um inimigo declarado da Inglaterra, Napoleão I, e, desde então, uma postura nessa direção não cessa. Entre 1904 e 1905 eles quase conseguiram que a França, governada àquela época por Clemenceau e Delcassé, entrasse em guerra com a Alemanha – o Ministro dos Assuntos Externos do governo conservador, Lord Landsdowne, prometeu apoiar o exército francês com uma força de 50.000 homens enviados ao continente. Delcassé, dando uma excessiva importância a essa ridícula proposta, quase lançou a França em uma desastrosa guerra.

Em geral, cada vez que nós avançamos nessa civilização estatal burguesa, mais a Imprensa, deixando de ser a expressão do que se possa ser chamado de opinião pública, aplica-se em construir uma opinião belicista pelos mais infames meios. A Imprensa em todos os grandes Estados é controlada por dois ou três grupos financeiros, que formam a necessária opinião pública para a promoção de suas empreitadas. Eles dominam os maiores jornais e não se importam com os pequenos. Eles são tão baratos!

Mas isso não é tudo. A gangrena espalha-se mais profundamente. As guerras modernas não mais consistem em um mero massacre de centenas de milhares em algumas grandes batalhas: um massacre do qual aqueles que não têm seguido os detalhes das grandes batalhas durante a última guerra na Manchúria, e os detalhes atrozes do cerco e defesa do Porto Arthur, absolutamente não têm ideia. As três grandes batalhas históricas – Gravelotte, Potomac, Borodino (próximo à Moscou) – cada uma durando três dias, com respectivamente 90.000, 100.000 e 110.000 homens mortos e feridos em ambos os lados – foram brincadeira de crianças em comparação às modernas guerras como a que ocorreu na Manchúria.

Hoje as grandes batalhas ocorrem em um front não de cinco a dez milhas como antes, mas de trinta e cinco a quarenta milhas; elas não duram três dias, como eram no caso das recentemente chamadas grandes batalhas, mas sete (Lao-Yang) e dez dias (Mukden); e as perdas são de 100.000 a 150.000 homens de cada lado.

A devastação causada pelas granadas atiradas com grande precisão num alvo distante três, quatro ou cinco milhas, por baterias cuja posição não pode ser vista, e o uso de pólvora sem fumaça, são inimagináveis. Os tiros não são mais ao acaso. A posição ocupada pelo inimigo está dividida mentalmente em dois terços de milhas quadradas e o fogo de todas as baterias está concentrado em cada quadra sucessivamente, a fim de destruir tudo encontrado lá.

Quando o fogo de algumas centenas de peças de artilharia está concentrado em tal quadra, não há espaço de dez jardas quadradas que não tenha sido batido por uma granada, nem um arbusto que não tenha sido cortado por monstros uivantes enviados por ninguém sabe de onde. Sete ou oito dias de terrível fogo levam os soldados à loucura; as colunas atacam depois de terem sido repelidas de oito ou dez vezes sucessivamente, e conquistam algumas jardas para finalmente, depois de alcançar as trincheiras inimigas, iniciar uma luta corpo a corpo. Depois de terem arremessado granadas de mão e pedaços de piroxilina um no outro (dois pedaços de piroxilina amarrados com uma corda foram usados por japoneses como estilingue), soldados russos e japoneses rolavam nas trincheiras de Porto Arthur como bestas selvagens, lutando com os cabos e as facas de seus rifles, dilacerando a carne do outro com os dentes.

A classe operária do Ocidente nada sabe deste terrível retorno às maiores selvagerias que essa guerra moderna trouxe; e a burguesia, consciente disso, toma cuidado em não dizer a ninguém.

Àqueles que tinham dito que a pólvora sem fumaça tornaria a guerra impossível, nós respondemos que isso era um sentimentalismo sem sentido. Nós sabemos agora que com o retorno da granada de mão à guerra moderna, o estilingue e a baioneta, a guerra voltou para os aspectos mais bárbaros de antigamente.

Contudo, as guerras modernas não somente consistem em massacres, massacres que vão a um pico de raiva, um retorno à selvageria; elas também ocasionam a destruição do trabalho humano em uma escala colossal, e nós sentimos continuamente os efeitos dessa destruição em tempos de paz pelo aumento da miséria entre os pobres, que ocorre paralelamente ao enriquecimento dos ricos.

Toda guerra destrói um formidável amontoado de bens, incluindo não somente o propalado material de guerra mas também as coisas mais necessárias à vida cotidiana e à sociedade como um todo: pão, carne, legumes, alimentos de todos os tipos, animais de carga, couro, carvão,

metal, tecido, etc. Isso representa o trabalho útil de milhões de homens por várias décadas; e tudo isso é perdido, queimado, derretido em poucos meses. Mesmo em tempo de paz isso é perdido por causa da expectativa de uma guerra futura.

Como esse material de guerra, esses metais e armazéns devem estar preparados antecipadamente. A mera possibilidade de uma nova guerra produz, em todas as nossas indústrias, choques e crises que atingem cada um de nós. Você, eu, nós todos sentimos seus efeitos nos mínimos detalhes da nossa vida. O pão que comemos, o carvão que queimamos, a passagem de trem que compramos, o preço de cada artigo depende dos rumores que apontam a probabilidade do conflito ocorrer cada vez mais cedo – rumores propagandeados pelos especuladores, para o aumento de preços de toda essa produção.

A grande crise industrial que temos vivido ultimamente foi certamente devido – como nós poderemos ver nas próximas páginas – à antecipação das guerras.

#### **IV- As crises industriais devido à antecipação da guerra**

A necessidade de preparar longamente quantidades formidáveis de material de guerra e a acumulação de provisões de todo tipo trouxe a todas as indústrias choques e crises, a partir dos quais, cada uma e especialmente seus trabalhadores, sofrem com grande intensidade. Esse fato foi observado recentemente nos Estados Unidos.

Todos lembram, sem dúvida, a crise industrial que devastou os Estados Unidos três ou quatro anos atrás. De certa forma não acabou ainda. Bem, a origem da crise – independente do que possa ser dito sobre ela por economistas “científicos”, que conhecem os escritos de seus predecessores mas ignoram a vida real - assenta-se na excessiva produção das principais indústrias do Estado, levada a cabo durante alguns anos no aguardo de uma grande guerra europeia, e de uma guerra entre o Japão e os Estados Unidos. Aqueles que espalham a ideia dessas guerras sabem muito bem o efeito que a expectativa de tais conflitos exerceria na estimulação de certas indústrias americanas. Na verdade, por dois ou três anos uma energia febril reinou na extração de todo tipo de metais e carvão e na construção de estradas de ferro, na conservação de alimentos, assim como em todos os materiais para vestimentas.

A extração de minério de ferro e a fabricação de aço nos Estados Unidos tomou grandes proporções durante esses anos. Aço é o principal artigo de consumo na guerra moderna e os Estados Unidos o fabricam de forma fantástica, assim como outros metais, como o níquel e o manganês, que são requeridos na fabricação de vários tipos de aço usados na confecção de materiais de guerra. Ao mesmo tempo, as grandes empresas americanas competem entre si procurando uma maior especulação em gun-metal [tipo de bronze] cobre, chumbo e níquel.

A mesma coisa ocorreu com o fornecimento de milho, carne em conserva, peixe e legumes. Algodão, tecido e couro ficaram próximos a isso também. E como cada grande indústria favorece o surgimento de um sem número de pequenas ao seu redor, a febre de uma maior produção com excesso de demanda, aumenta cada vez mais. Agiotas ou financiadores de crédito que fornecem capital aos fabricantes lucram, claro, com essa febre, até mais do que os capitães da indústria.

Então, como num golpe, a produção de repente parou, sem ser possível descrevê-la com algumas das causas que as crises precedentes tinham sofrido. A verdade é que a partir do dia que as casas financeiras europeias entenderam que o Japão, arruinado pela guerra na Manchúria, não atacaria os Estados Unidos, e que nenhuma nação europeia sentir-se-ia certa da vitória ao atirar-se em uma batalha, os capitalistas europeus negaram-se a dar créditos para os banqueiros norte-americanos que dominavam a produção ou aos “nacionalistas” japoneses.

A ameaça de uma iminente guerra cessou. Fábricas de aço, minas de cobre, alto-fornos, estaleiros, fábricas de curtume, todos imediatamente diminuíram suas operações, seus pedidos, suas compras.

Foi pior do que uma crise, foi um desastre. Milhões de trabalhadores de ambos os sexos foram jogados na rua e deixados na mais abjeta miséria. Grandes e pequenas fábricas fecharam. O contágio se espalhou como uma epidemia, semeando terror em todos os cantos.

Quem nunca contará o sofrimento de milhões de homens, mulheres e crianças, com vidas dilaceradas durante as crises, enquanto imensas fortunas estavam sendo realizadas em antecipação à dilaceração de carne humana e pilhas de cadáveres prontas a serem amontoadas nas grandes batalhas!

Isso é a guerra; isso é como os Estados enriquecem os ricos, mantêm os pobres na miséria e ano a ano os reduz cada vez mais à sujeição.

Agora uma crise resultante das mesmas causas daquela que ocorreu nos Estados Unidos, provavelmente será produzida na Europa e especialmente na Inglaterra.

Até o meio do ano de 1911 o mundo estava surpreso com o rápido e nunca visto crescimento das exportações inglesas. Nada no mundo econômico levar-nos-ia a esperar isso. Nenhuma razão para isso tinha sido dada, precisamente porque a única possível explicação é que os pedidos vinham do continente, antecipando uma guerra entre a Inglaterra e a Alemanha. Como sabemos, essa guerra não irrompeu em julho de 1911; mas se tivesse começado, França, Rússia, Áustria e Itália teriam sido impelidas a participar. É evidente que os grandes financistas que abasteciam os especuladores com metal, víveres, roupas, couros, etc., e com seus créditos, tinham sido alertados das trocas de ameaças entre os dois poderes marítimos. Sabendo que ambos os governos estavam se preparando para a guerra, esses financistas aceleraram seus pedidos, o que fez com que crescessem as exportações britânicas além da média.<sup>4</sup>

A mesma causa tem a extraordinária e recente alta dos preços de todos os víveres sem exceção, num momento no qual nem as colheitas do último ano nem a estocagem de todos os bens em armazéns a justificariam. O fato é que a alta não afetou os víveres somente; todos os bens foram influenciados. Os pedidos continuaram a jorrar e nenhuma outra razão, qualquer que fosse, salvo a antecipação da guerra, poderia explicar essa excessiva demanda.

---

<sup>4</sup> Alguns números farão esses choques econômicos até mais evidentes. Entre 1900 e 1904 as exportações de produtos britânicos do Reino Unido eram normais e flutuavam ao redor de 300.000.000 libras. Em 1904 houve um rumor de uma grande guerra; os Estados Unidos aumentaram sua produção e as exportações inglesas subiram em três anos de 300.000.000 libras para 426.000.000 libras. Mas a guerra tão aguardada não veio, e houve um rápido declínio dos pedidos; a crise que nós mencionamos irrompeu nos Estados Unidos e as exportações dos produtos ingleses caíram para 327.000.000 libras. Em 1910, contudo, a grande guerra europeia estava pronta para se realizar, e nesse mesmo ano e em 1911 as exportações inglesas subiram para um nível nunca antes visto. Entretanto ninguém pode explicar o fato. Em 1911 as exportações alcançaram 454.000.000 libras, e ainda mais em 1912, com 487.000.000 libras. Carvão, aço, chumbo, rápidas embarcações, cruzadores, calçados, cartuchos, tecidos, couro, alimentos enlatados - tudo estava sendo procurado e exportado em enormes quantidades. Fortunas eram empilhadas visivelmente. Os homens estavam próximos de se matarem. Que sorte!

E agora seria suficiente que os grandes especuladores coloniais da Inglaterra e da Alemanha concordassem na repartição da África Oriental, e agissem em comum acordo no que diz respeito “às esferas de influência” na Ásia e na África – quero dizer, em termos das novas conquistas -, para que uma rápida parada da indústria ocorresse na Europa, algo semelhante à crise que afetou recentemente os Estados Unidos.

Na verdade, essa redução começou a ser sentida no início de 1912. Isso ocorreu porque as companhias de carvão e os senhores do algodão da Inglaterra mostraram-se tão intransigentes com sua classe operária, forçando-os à greve. Eles vislumbravam uma redução dos pedidos, já que tinham grande estoque de bens e muito carvão empilhado ao redor de suas minas.

Quando nós analisamos profundamente os fatos surgidos da atividade dos modernos Estados, entendemos quanto a vida de nossas sociedades civilizadas não dependem do desenvolvimento econômico das nações, mas da maneira pelas quais vários monopólios e homens privilegiados, mais ou menos favorecidos pelo Estado, reagem sobre esses fatos.

Deste modo, é evidente que a entrada na arena da economia de produtores mundiais, como a moderna Alemanha - com suas escolas, sua educação técnica espalhada largamente entre a população, sua juventude de alto espírito e sua capacidade de organização - mudou as relações entre as nações. Um reajuste de forças era inevitável. Mas, devido à organização específica dos modernos Estados, o ajuste das forças econômicas foi atrapalhado por outro fator de origem política: os privilégios e os monopólios constituídos e mantidos pelo Estado.

Na realidade, os Estados modernos são especialmente constituídos para estabelecer privilégios em favor dos ricos, às custas dos pobres. Os bancos de cada nação estabelecem a lei no que se refere às questões políticas de importância: “O que o Barão Rothschild dirá?”, “Qual atitude o cartel dos grandes banqueiros em Paris, Viena e Londres tomarão?” Tais questões têm se tornado o elemento dominante nos negócios políticos e nas relações entre as nações. É a aprovação ou a desaprovação dos financistas que coloca ou tira os Ministros de todos os lugares da Europa. Verdade que na Inglaterra a aprovação da Igreja estatal e a dos cervejeiros deve também ser levada em consideração, mas a Igreja e os cervejeiros estão sempre de acordo com os grandes financistas, que tomam cuidado para nunca interferir na renda dos companheiros. Depois de tudo, como Ministro é um homem que preza por seu gabinete, seu poder e as possibilidades de

enriquecimento que seu posto oferece a ele e a seus apoiadores, necessariamente entende-se que a questão das relações internacionais está hoje em dia finalmente reduzida a saber se os monopólios favorecidos de um Estado particular tomarão essa ou aquela decisão, tendo em conta os favoritos do mesmo calibre em outro Estado.

Deste modo, o *estado das forças econômicas* colocado em ação é determinado pelo desenvolvimento técnico das diversas nações num período de sua história; mas o *uso* que será feito dessas forças depende inteiramente do *grau de servidão* a que o governo estará reduzido, ainda que com a anuência de sua própria população. As forças econômicas que poderiam produzir harmonia e bem-estar e dar um novo impulso a uma civilização libertária, desde que tivessem livre trânsito na sociedade, - sendo dirigidas pelo Estado, quer dizer, por uma organização especialmente desenvolvida para enriquecer e absorver todo o progresso moderno a fim de beneficiar as classes privilegiadas - tornaram-se um instrumento de opressão, de monopólios e de guerras infinitas. Elas aceleram o enriquecimento dos favorecidos e aumentam a miséria e a submissão dos pobres.

Isso é porque aqueles economistas que continuam a considerar as forças econômicas unicamente, sem analisar os limites dentro dos quais sua ação está circunscrita nos dias de hoje - sem levar em consideração a *ideologia do Estado* ou as forças que cada Estado necessariamente coloca a serviço do rico para favorecer seu enriquecimento às custas do pobre -, permanecem completamente fora da realidade do mundo econômico e social.